

## O INVENTÁRIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS

### MUSEU DA RPM – Museu Nacional de Arqueologia

#### Património Arqueológico

Ana Isabel Santos Mestre e Carla Martinho

(Responsável pelo Sector de Inventário de Colecções e Reservas,  
arqueóloga com intervenção na área do inventário)

Lisboa - 23 / 09 / 2008

#### 1. A inventariação, o inventariante e o Museu.

Ana Isabel Santos (A.I.S.): Não á museus sem inventários. Ou seja, o inventário das colecções dum museu é a primeira base de trabalho, e uma das mais importantes. Sem um conhecimento da natureza das colecções que um museu detém à sua guarda, não á trabalho possível futuro de investigação, de divulgação, de exposição. Portanto o inventário é uma das acções que define a natureza de um museu. Um museu define-se por ter colecções e por conhecer a suas colecções através de um instrumento de trabalho básico, inicial, sem o qual o resto não pode suceder nem ser conhecido. No caso deste Museu e do inventário deste Museu é *suigénieris*, porque o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) dada a sua história, um Museu fundado no final do século XIX, teve uma importância fundamental na investigação arqueológica nacional. Era a instituição que podia, que tinha autoridade legal, para promover e proceder a escavações arqueológicas em todo o território, com o objectivo justamente de criar um conjunto de colecções que pudessem interpretar o território na sua história de longa duração, na sua historia antiga deste as origens e cobrindo o território nacional.

Portanto, as colecções chegam ao Museu por aquilo que poderemos considerar uma via real, que é a via da investigação arqueológica feita pela própria instituição até, creio, meados dos anos 70. Nos anos 70 a legislação sobre património arqueológico muda, e apesar de o Museu continuar a ter projectos, eles diminuem substancialmente a sua expressão. O Museu fica nos anos 70 com 1 ou 2 grandes projectos de investigação, sítios muito importantes - como Tróia, Setúbal... - enquanto a investigação arqueológica nacional começa a ser feita também por universidades, por outros agentes da cultura, do estado, do património.

Grosso modo o que temos no Museu são cerca de 3000 sítios arqueológicos, com um nº de objectos que não é possível calcular, já que não lidamos em Arqueologia com objectos inteiros mas, a maior parte das vezes, com fragmentos, que é o normal de uma escavação arqueológica. E só a partir dos anos 80, quando entra a actual equipa que trabalha neste Museu, é que começamos um trabalho sistemático de inventariação das colecções que está longe, longe de estar, sequer, nos seus inícios. Apenas começamos, fizemos um diagnóstico da situação em relação as necessidades que existiam, em relação aos métodos de inventário mais eficazes. É um volume gigantesco de milhões de fragmentos de objectos em cerâmica, em pedra, em osso, em metal, milhões, não podemos nem sequer contabilizar, e tem vindo no decurso dos últimos 28 anos a ser objecto de um trabalho de sistematização.

#### Sobre a função da inventariação:

- 1.1. Diga-me as 10 primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando pensa no conceito “inventário”.

- A.I.S.: 1. Conhecer  
2. Documentar  
3. Registar  
4. Controlar  
5. Preservar  
6. Conservar  
7. Divulgar

Tenho 7, deveria inventar um bocadinho mais, mais não faz sentido.

*Acrescente mais 3, mesmo que considere que estão numa segunda linha*

A.I.S.: Mesmo em segunda linha... que é que sugeres? (dirigido a Carla, arqueóloga colaboradora no sector do inventário)

8. Paciência  
9. Atenção

Carla Martinho (C.M.): 10. Cuidado

1.2. Queria pedir-lhe para me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais.

1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado. Alterava alguma coisa relativamente ao modelo actual?

A.I.S.: Não, nada.

## 2. A última incorporação.

*Tinha-me dito que é raro entrarem peças isoladas no Museu sendo mais normal a entrada de colecções, era porque a minha próxima pergunta era...*

A.I.S.: Há duas que estão em suspenso, que ainda não podemos falar porque não dá: é uma herança e uma aquisição de uma jóia.

*E se falasse-mos da última aquisição de uma colecção...*

2.1. Diga-me em qual das modalidades foi feita a última incorporação de um bem cultural/exemplar:

- |                      |                                     |                                   |                          |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.1.1. Compra        | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.1.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.2. Doação        | <input type="checkbox"/>            | 2.1.11. Herança                   | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.3. Empréstimo    | <input type="checkbox"/>            | 2.1.12. Permuta                   | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.4. Legado        | <input type="checkbox"/>            | 2.1.13. Afectação permanente      | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.5. Recolha       | <input type="checkbox"/>            | 2.1.14. Preferência               | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.6. Achado        | <input type="checkbox"/>            | 2.1.15. Dação em pagamento        | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.7. Transferência | <input type="checkbox"/>            | 2.1.16. Depósito                  | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.8. Expropriação  | <input type="checkbox"/>            | 2.1.17. Produção própria          | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.9. Fundo antigo  | <input type="checkbox"/>            | 2.1.18. Outra. Qual?.....         |                          |

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foi feita a última incorporação de uma colecção:

- |                      |                                     |                                   |                          |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.2.1. Compra        | <input type="checkbox"/>            | 2.2.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.2. Doação        | <input type="checkbox"/>            | 2.2.11. Herança                   | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.3. Empréstimo    | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.2.12. Permuta                   | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.4. Legado        | <input type="checkbox"/>            | 2.2.13. Afectação permanente      | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.5. Recolha       | <input type="checkbox"/>            | 2.2.14. Preferência               | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.6. Achado        | <input type="checkbox"/>            | 2.2.15. Dação em pagamento        | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.7. Transferência | <input type="checkbox"/>            | 2.2.16. Depósito                  | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.8. Expropriação  | <input type="checkbox"/>            | 2.2.17. Produção própria          | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.9. Fundo antigo  | <input type="checkbox"/>            | 2.2.18. Outra. Qual?.....         |                          |

### 3. Uma história simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas incorporações - ou de outra que lhe venha à memória agora e que julgue interessante - referindo em especial:

- 3.1. A data - certa ou aproximada - em que ocorreu;
- 3.2. As negociações entre o/a doador/a, ou vendedor/a, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);
- 3.3. Onde estava guardado o bem/exemplar ou a colecção?
- 3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/exemplar? A pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local?
- 3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desse bem /exemplar e para a sua *nova forma de vida* no contexto do Museu?

A.I.S.: Neste Museu não se passa assim.

Pode comentar livremente o que quiser, relativamente ao que era a vida da peça antes de entrar no Museu, ou a propósito da relação que vocês costumam estabelecer com essa peça...

A.I.S.: Este é um Museu que vive da investigação arqueológica. Não se aplica!

Mas então, escolha uma das últimas incorporações e falamos sobre ela.

A.I.S.: Não é o fundamental do Museu. É importante que a Lorena perceba que este Museu é um universo aparte, não tem nada a ver com museus de artes decorativas, com museus de arte antiga...com museus de etnologia. Não tem nada a ver! É um Museu totalmente específico e isso tem que ver com o facto de as colecções serem de Arqueologia e não artes...

Então essa incorporação de que vocês estavam a falar era a da Quinta... das Luzes?

A.I.S.: Das Longas.

E era um bem isolado ou uma colecção?

A.I.S.: Não, é uma colecção no sentido em que é um conjunto de objectos. É o resultado das escavações que os arqueólogos fizeram neste sítio arqueológico e que depois de ponderado muito bem o seu local final, dada a importância do sítio... Depois a Carla pode falar melhor e mostrar a escultura que lá está em baixo, e que deu origem... falando melhor até, da questão dos proprietários, da herdade, terem primeiro pensado...

Deixo essa primeira parte para a Carla (*dirigindo-se a Carla*) portanto reveres que os próprios proprietários que autorizaram a escavação na sua herdade pensaram fazer um museu de sítio, mas que depois recuaram nessa postura, que o próprio museu local de Arqueologia, não quer... deixou de ter... e que acabou por vir cá parar. Tu sabes isso e mostras que é bonito, que é o mais importante conjunto escultórico de época romana.

Como é que surge a história desta incorporação?

A.I.S.: São os arqueólogos.

Eles sabem da localização desse...?

A.I.S.: Escavam o sítio...

E depois, quem é que entra em contacto com vocês?

A.I.S.: Os próprios arqueólogos.

Depois vai lá alguém que representa o Museu para perceber: que tipo de bens são, se faz sentido entrarem no Museu ou não, em que condições...

A.I.S.: Não porque os arqueólogos responsáveis pelas escavações são pessoas idóneas e responsáveis, e nós os conhecemos pela bibliografia, pelo que já está publicado neste projecto de investigação sobre a importância do sítio. Portanto, não precisamos de ir ver porque sabemos dessa importância, dadas as publicações científicas.

Então antes da colecção toda vir para o Museu, quais são os passos que vocês costumam dar? São os próprios arqueólogos que documentam tudo o que está lá? Por exemplo, não sei se fotografam...

C.M.: Neste caso recebemos não só as colecções, como também toda a documentação associada. A colecção só faz sentido se puder ser usada para posteriores investigações, portanto a peça só vale com toda a documentação a ela associada: a localização no terreno, a data de escavação...entra tudo com a colecção.

A.I.S.: Não! É que ainda a uma outra questão que tem a ver com o inventário. Incorporações de colecções arqueológicas, com objectos de escavação recentes, vêm marcadas do terreno. Os arqueólogos não põem objectos que não estão marcados, que não estão inventariados, mas isso faz parte da actividade arqueológica.

Ou seja, para o trabalho de inventário e de documentação de colecções, põe-se em relação as colecções antigas que não tiveram esse processo. Neste momento nenhum material sai de uma escavação sem registo. Portanto todo esse registo acompanha.

Nesta área específica da Arqueologia... que é que inclui esse registo de que me está a falar?

A.I.S.: Tenho que ver. É estranho para si estar-mos a fazer estas caras, mas é muito mais fácil para si perceber como é que funciona o inventário se eu lhe mostrar mesmo, e se puder ver como é que funciona, porque nós estamos a dizer xyz...

Vem fragmentos marcados com UE (unidades estratigráficas) depende do método de escavação utilizado pelo arqueólogo. Este é livre de utilizar este ou aquele método de escavação. Agora está em voga usar-se *The Matrix Aris*, a matriz de Aris, que funciona com UE. Este é um universo muito *suigénérís*.

Mas isto, por exemplo, são normas estabelecidas a nível europeu?

A.I.S.: Não, qualquer arqueólogo pode usar o método americano, da Nova Zelândia, inventado por ele...

Sim? Então isto pode dificultar o trabalho entre os diferentes museus de Arqueologia a vários níveis...

A.I.S.: É complicado, os arqueólogos que tem autorização para escavar tem o direito de utilizarem a metodologia que acharem mais correcta para aquela situação.

Esse registo do qual me falavam, suponho que seja utilizado ao nível do inventário... e que, pela sua vez, seja depois utilizado para documentar a história do Museu, fazer exposições... ou não?

A.I.S.: É a base. Inventariar colecções é cumprir uma das condições de ser museu. Ou seja, como se ouve-se uma lei não escrita, mas uma lei ética que determina que um museu deve cumprir esse papel.

Com que fins se utiliza a informação que vocês incluem nessa área específica do inventário?

A.I.S.: Ela em si própria é um objectivo. E isso, para mim, é muito importante que fique claro. Em si própria é um objectivo que começa e termina aí: inventariar colecções. Independentemente de nunca mais vir a ser utilizada para mais nada. Ou seja, imagine que eu tenho um fragmento de cerâmica do período do neolítico, um fragmento igual a mil. É função do Museu inventariá-lo e dizer: "2008.20.1.-fragmento de cerâmica lisa, sítio tal..."

Este fragmento pode nunca mais ser objecto de mais nada, nunca mais ir para uma exposição. É banal! Nós não somos um museu de arte. Não é um colar de Lalique ou uma tela pintada, aqui não. Nós não lidamos com obras de arte nesse sentido, nem com obra de arte acabada. A maior parte nas nossas colecções nunca serão expostas, nunca serão investigadas mais do que isto, de aí eu dizer: para o Museu de Arqueologia o inventário das colecções é um objectivo em si próprio, redondo, que se esgota aí. Feito o inventário está concluído. Pode não haver mais nada a seguir a ele.

Os museus funcionam com um outro patamar de informação que caiu um bocadinho em desuso na "Novamu...", na museologia dos últimos 20 ou 30 anos, que em França tinha o nome de "*Catalogue* ..." ou catálogos críticos das colecções. Os catálogos críticos que todos os grandes museus do mundo depois publicavam, editavam, e que eram obras de referência, seriam ou poderão ser um patamar seguinte em relação as colecções previamente inventariadas.

A relação entre inventário e catálogo de colecção pode ser próxima ou distantíssima, pode ter alguma coisa a ver ou quase nada, por que o inventário que diz: "fragmento de cerâmica lisa do neolítico", pode dar origem ou não à colecção de cerâmica do neolítico do MNA e

esta, fruto de investigação, pode vir a ser datada por métodos físico-químicos, por exemplo, de termoluminiscência, dando uma cronologia absoluta. Portanto poder relacionar com cerâmica do neolítico do mediterrâneo, estabelecer todos os contactos ou não. Depende dos projectos de investigação. Evidentemente que há colecções neste Museu, nomeadamente a partir da época romana, que permitirão a passagem para o patamar de catálogo de colecção em determinadas colecções. Estou-me a lembrar de que? Lucerna, por exemplo, lucernas romanas. Muitos museus tem ...*(dirigindo-se a Carla)* vais mostrar, que já não tem o nome de “catalogue ...” porque isso saiu de voga, mostra por exemplo, o catálogo sobre os vidros do *Louvre*.

C.M.: Ou o do *British* das lucernas.

A.I.S.: Era bom. O catálogo do *British* das lucernas é um catálogo muito antigo, dos anos 60 ou 70, e portanto dava para perceber a mudança de postura de investigação face as colecções e aos patamares de informação.

### 3.6. A chegada ao Museu: Quem se interessa por ver o bem /exemplar ou a colecção? Quem tem acesso a ele? Contam-se histórias? Acontece algo de novo no Museu e nas relações entre as pessoas?

A.I.S.: Não, isso é sempre uma grande alegria para todos nós, é sempre uma agradável surpresa e ficamos todos normalmente muito satisfeitos, muito curiosos para perceber que tipo de colecções temos: se são objectos ou colecções totalmente novas e que não temos ainda... Isso é vivido com grande alegria e com grande intensidade por todos.

### 3.7. Como são feitos o inventário e a arrumação no contexto do Museu?

## 4. O Museu manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento dos bens /exemplares que nele entram, dando conta sobretudo:

### 4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feita, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse;

A.I.S.: Pois, fazer sentido faz, só que mais uma vez a especificidade do MNA faz com que... haver se eu me consigo explicar bem, de forma a entender correctamente. Isso é o núcleo duro de investigação em Arqueologia. Ou seja, não chega a ser nada em si próprio o facto de se perguntar: Que interessante! Qual é a história e qual é a origem? Não!. Isso é a base fundamental da investigação arqueológica: É o conhecimento dos antecedentes de onde vem. Numa escavação saber: quando foi escavado, onde, em que sítio, a história... é um dado adquirido a priori.

### É o ponto de partida.

C.M.: Mais uma vez, quando vir a nossa base de dados vai perceber precisamente o que a Dra. Ana está a dizer.

A.I.S.: É o básico. Sem isso, nem nos interessa ter colecções. Nós não aceitamos colecções sequer que não tenham história.



### Quando fala em história? A que é que se refere?

A.I.S.: O que estava a dizer. Tudo isso. Não nos interessam objectos avulsos, não nos interessam objectos sem história. “De onde é que vem? Ai não sabemos...” Não interessa!

### Incluído o valor estimativo que tinham para as pessoa que a tinham na sua posse?

A.I.S.: Não. É-nos irrelevante.

### As funções que exercia...

A.I.S.: Não, as funções é a única coisa que nós nunca poderemos investigar em Arqueologia. Não, é impossível, não sabemos para que foram criados, nem essa é uma das nossas preocupações. Isso é nos museus de artes decorativas. A primeira função e todos esses dados de inventário da museologia, a nós não se aplica.

4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que o usufruíram;

4.3. Gostava de saber se o registo destas informações é tido por essencial:

4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;

4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades;

4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar o bem/exemplar que entrou no Museu, ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, objectos que antes tinham uma *vida em sociedade*?

A.I.S.: Essa pergunta vai pode-la responder a Lorena sozinha visitando a exposição “Siti tivi terra levis”. É um desafio que lhe faço. Depois fala com a Carla sobre isso. É uma pergunta muito interessante em que a Lorena vai descobrir a resposta, porque lhe da muita importância. Depois eu até gostava de falar consigo sobre isso.

A Lorena vai estar no papel privilegiado de quem conduz a entrevista e quer saber coisas, e também no papel do visitante do Museu.

### Muito bem. Mas, aviso, eu sou uma visitante ligeiramente crítica...

A.I.S.: Melhor ainda. Era muito interessante para nós. E é esta exposição que lhe digo, mais do que qualquer outra, o “Siti tivi terra levis” (*Que a terra te seja leve - exposição sobre rituais funerários romanos*), que é a última exposição temporária que o Museu apresentou. Veja se responde à sua questão.

### Interessante...

A.I.S.: Pode dizer tudo ou não dizer nada. Não ser suficiente para uns, ser de mais para outros, não chegar...

## 5. Projectando o Museu ideal.

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu, falando em especial:

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

A.I.S.: Dez vezes mais de pessoas. Vezes 10.

E em que áreas de todas aquelas que guardam relação com a área do inventário?

A.I.S.: Arqueólogos, fotógrafos...

Dez vezes mais de um total de que? Quantas pessoas estão agora mesmo a trabalhar no inventário no Museu?

A.I.S.: Sim, mas é tão, neste momento...

Pode ser que partilhem a carga horária com outras funções...

É evidente que não fazemos só, o sector tem como tarefa central da sua actividade o inventário, mas o inventário corresponde também à organização de reservas, corresponde também o apoio à investigação externa de todos os doutoramentos e mestrados que se fazem, de todas as universidades portuguesas e estrangeiras que pedem para investigar a nossas colecções, e somos nós que fazemos essa ligação com a investigação externa, somos nós que apoiamos e montamos as exposições, a museologia. Portanto não fazemos só inventário, não somos em número suficiente, temos que fazer muitas outras tarefas.

Dra. Isabel, quando me diz "somos nós..." está a falar em quem, numa área, num departamento, num sector...

A.I.S.: Num sector funcional.

E é o sector de quê?

A.I.S.: Do inventário das colecções.

Existe mesmo um sector com essa denominação?

A.I.S.: Não, existe internamente. Não existe legalmente ou escrito que o Museu tem um departamento ou um sector de inventário, uma biblioteca... não isto não existe.

Mas a nível interna e de gestão...

A.I.S.: A nível de gestão dos recursos humanos e de gestão de projectos existe um sector que é o Sector de inventário de colecções e reservas, aliás é assim que se chama.

E qual é o número de pessoas que está agora mesmo...

A.I.S.: Ela (Carla) disse 4, dos quais 3 não são do quadro e estão muito precários.

Não faz mal. 4... e desses 4, quantos são homens e quantos mulheres?

C.M.: 2-2.

Normalmente são mais mulheres do que homens e eu gostava de perceber também este tipo de questões...

A.I.S.: O Museu é um universo feminino por excelência.

Eu gostava de saber se o tema do inventário também é dominado pelo universo feminino. Portanto, são 4 pessoas ligadas ao inventário e, está-me a dizer relativamente às condições de trabalho - que é outro dos temas que eu quero estudar - que há 1 pessoa que forma parte do quadro e 3 que estão... com contratos temporários?

A.I.S.: Sim.

De que, dum ano de 6 meses?

A.I.S.: Não é possível dizer, porque é Rodrigo...



Varia. Estas 4 pessoas... há quanto tempo que estão ligadas ao Museu? Por exemplo aquela que é funcionária, serão 5 anos, 10 anos...

A.I.S.: Não! Mais de 30.

E as outras 3 pessoas?

A.I.S.: Tu!

C.M.: Ora, eu estou a 6 anos ... João, 7 ou 8. Paulo há 1 ano.

Qual é a formação destas pessoas, que estão ligadas à este sector de inventário de colecções?

A.I.S.: Aqui a funcionária do quadro não tem formação superior, portanto não é uma técnica superior, é técnica em museologia. Os três colaboradores do Museu são arqueólogos, dos quais a mais qualificada é a Carla, que tem um mestrado já com um ano ou dois e está a pensar em começar a preparar o seu projecto de doutoramento. O segundo...

Portanto tem o mestrado concluído.

A.I.S.: Tem mestrado concluído e está a começar a preparar o seu projecto de doutoramento, portanto mestrado em Arqueologia.

O João é arqueólogo, tem uma pós-graduação em museologia e está a redigir a tese de mestrado.

Em que área?

A.I.S.: Arqueologia. O Paulo é arqueólogo, tem alguma formação específica em certas áreas da Arqueologia.

C.M.: Numismática.

Referiu uma funcionária e três colaboradores. Quais são as condições de trabalho destes colaboradores? Por exemplo, uma funcionaria que leva aqui mais de trinta anos, em que escalão remuneratório se insere?

A.I.S.: Não é licenciada.

Mas que remuneração recebe num contexto como este?

A.I.S.: É a letra que corresponde à função pública, não tem salário diferenciado. A administração pública em Portugal tem tabelas iguais para toda a gente. A esta categoria corresponde este salário.

E para a categoria que ela tem, qual seria o salário?

A.I.S.: Não sei.

E para os colaboradores, tendo em conta que todos eles são licenciados e alguns tem o mestrado concluído?

A.I.S.: São terrivelmente explorados por mim e pelo director, mas essencialmente por mim, quer ao nível da sua remuneração, que tem a ver com o dinheiro que eu consigo arranjar para lhes pagar...

Ao dizer “que eu consigo” é porque não há um valor estabelecido para os colaboradores.

A.I.S.: Não. São pagos por projectos. Nós não temos verbas.

E suponho que o método seja o do recibo verde...

A.I.S.: Já foi. Agora está a mudar, é factura. Mas são duplamente explorados porque eu lhes pago.

Pelo que eu consigo arranjar dinheiro para lhes pagar, e o que lhes exijo que façam...

Portanto, é uma exploração horrível

Eles chegam, por exemplo, a cobrar mensalmente?

A.I.S.: Não, não, não, não! São projectos.

Então quando o projecto está concluído?

A.I.S.: Varia.

C.M.: Há projectos que são pagos em três vezes. Há projectos que são pagos contra a apresentação de trabalho, a projectos que se recebe mensalmente...

E quando me diz projectos, por exemplo, neste momento quantos projectos estão em curso?

A.I.S.: O Paulo está pela segurança social. Pronto o Paulo, que está cá a um ano, está num protocolo entre a Segurança Social, o Ministério de Trabalho e o Ministério da Cultura.

Do fundo de emprego?

A.I.S.: Sim! Portanto estão dois colaboradores, há dois projectos.

É um desses projectos em que o fundo de emprego participa...

A.I.S.: Não, não! Nada! É o fundo de desemprego. Há um do fundo de desemprego e dois com projectos, três.

O colaborador do fundo de desemprego é, então, aquele que tem um ordenado fixo e está aqui por um período de um ano aproximadamente...

A.I.S.: Sim, acho que sim.

Muito bem. Experiência profissional antes de entrar no Museu... e aqui no Museu?

A.I.S.: Como?

A experiência profissional que estas pessoa tem. Já a traziam com elas antes de entrar no Museu ou a adquiriram aqui no Museu, na área em que desenvolvem actividade profissional, neste caso, o inventário?

C.M.: Eu posso responder. É assim. Eu falo por mim. Eu acabei a faculdade e entrei no Museu. O João a mesma coisa.

A.I.S.: Não! O João pediu para fazer um estágio prático de museologia, que fez comigo, e ficou por que eu arranjei-lhe projectos.

C.M.: O Paulo já trazia experiência anterior. O que acontece é que no nosso Museu é tão específico o trabalho de inventário, que qualquer pessoa que venha mesmo com imensa experiência de fora, aqui tem que aprender todo do zero. Porque não funciona de modo igual a outros museus.

Então a experiência é sempre adquirida no Museu.

A.I.S.: Sim, sobretudo como arqueóloga.

Uma última questão relacionada com a formação. Há alguma possibilidade de reciclagem da formação, a traves de recursos da Rede Portuguesa de Museus (RPM), partindo do próprio profissional, que se propõe ampliar ou actualizar determinado tipo de conhecimentos...

A.I.S.: Eu sou formadora da RPM!

Muito bem. E então estas pessoas têm a possibilidade de assistir a alguns dos cursos ministrados pela RPM?

A.I.S.: Não. Não justifica. Porque eles tem, como o inventário das colecções do Museu está intimamente ligado com a investigação que se faz em Arqueologia, eles, nós, estamos permanentemente actualizados com a investigação que se faz. Conhecemos a bibliografia e a compramos. Portanto nós estamos... ou seja, é publicado um artigo, saiu um último artigo sobre ânforas ...Chega ao Museu, e a primeira coisa que fazemos é lê-lo para sabermos. Ou seja, é um Museu que funciona mais ligado à investigação do que propriamente à formação típica de um museu, porque é suposto que nós conheçamos toda a investigação que se produz em Arqueologia no mundo todo, quer a traves da *Internet*, quer a traves de bibliografia específica.

É mais a nível autodidacta.

A.I.S.: Não, não, não. É o contrário do autodidacta. São pessoa que tem um perfil de investigação e que continuam com o perfil de investigação mesmo quando estão no Museu. É o contrário.

#### 5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

Voltando outra vez ao tema do inventario no contexto do museu ideal. Tinha-me dito que multiplicava por dez as pessoas que tem actualmente, e o que tem são quatro pessoas, portanto passava para quarenta. E que áreas reforçava dentro do inventário?

A.I.S.: Algumas das que referiu: mais fotógrafos, mais conservadores-restauradores, mais arqueólogos especificamente do neolítico, paleolítico, mundo romano, medieval, árabe e numismática, portanto arqueólogos com formação específica num máximo de áreas possível uma vez que as colecções deste Museu começam no paleolítico inferior e vão até a nacionalidade, ao século décimo, onze. Para além de ter ainda uma pequena colecção de etnografia que, neste momento, está a descoberto. Não tem ninguém. E conservadores-restauradores para poderem intervir nas colecções.

Portanto acaba por relacionar directamente com a questão do inventário outras tantas funções vitais do Museu.

#### 5.1.3. Nas categorias profissionais que gostava de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação.

#### 5.2. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

5.3. Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a comunidade envolvente.

A.I.S.: Como Museu ideal nós gostaríamos que tivesse espaço suficiente para apresentar uma exposição permanente, que não pode porque não tem espaço. Portanto como Museu ideal é evidente que todos nós gostaríamos muito, muito, muito de que em breve prazo o Museu pudesse apresentar uma exposição permanente, quem diz permanente diz média duração para os próximos 10, 15, 20 anos sobre Arqueologia nacional. Nós, pessoalmente, não temos contacto directo com o público. Nós, nosso sector, não temos. Esse papel é desempenhado por outro sector do Museu que é o Serviço Educativo. O nosso contacto com o público ou outros interlocutores, são essencialmente os investigadores, arqueólogos investigadores, portanto nós não temos contacto nem com a população nem com os públicos.

Em último lugar, gostava de perceber quais a idades destas quatro pessoas ligadas ao inventário. Estavam a comentar-me que a funcionária que trabalha nesta área leva mais de trinta anos aqui no Museu...

A.I.S.: Sim, ela entrou no Museu com 15 anos. Tem agora 45 anos.

Ela tem 45, e as outras pessoas?

C.M.: Eu tenho 27, o João tem 30, o Paulo 31.

Portanto contrato de trabalho não há. Mais suponho que assinam algum documento formal cada vez que são integrados num projecto... ou não.

A.I.S.: Faz parte do projecto, são projectos que são candidatados, são aceites ou não. Se são aceites tem dinheiro, se não forem, não a... A gente costuma dizer: "Não há dinheiro, não a palhaço".

Quando me diz candidatar-se a um projecto, são projectos de que natureza?

A.I.S.: Varia, são variados. Depende, já tivemos projectos financiados pelo terceiro quadro comunitário de apoio. Acabaram em 2007.

E agora?

A.I.S.: Agora os projectos que temos são parcerias que foram promovidas pela RPM ao abrigo dum programa da RPM que se chama *Pró-museus*.

Relativamente à questão do Património Imaterial, como é que vocês olham para esta questão?

A.I.S.: Não olhamos.

A seguir, gostava de saber, relativamente a este assunto como é que gerem os dados. Temos ouvido falar de um modelo de base de dados que responde ao nome de *in memória*, que ao que parece, está em fase experimental... Como é que vocês olham para esta questão?

A.I.S.: Não, nós, imaterial, não olhamos. Nós estamos subjugados pelo peso da matéria, que é pedra e é pesada. Não olhamos. Não, é Património Material e pesado. Toneladas!

Então a questão imaterial nem sequer é contemplada num campo específico dentro da base de dados?

A.I.S.: Não.

Suponho que alguns dos objectos com que trabalham neste Museu tenham estado ligados, em tempos, a rituais...

A.I.S.: Sim, mas eles não estão cá para contar e nós, só se fizéssemos sessões de espiritismo.

Agora gostava de ver a vossa base de dados para perceber qual o circuito que segue a informação, como é que esta é gerida no contexto do Museu...

A.I.S.: Muito bem, isso é tudo com a Carla.

Para finalizar. Gostava de saber que é que achou da entrevista e se ficou algum assunto que ache importante abordar ao nível do inventário.

A.I.S.: Acho que conseguimos falar de tudo o fundamental e de tudo o que é verdadeiramente importante. Uma vez que o seu guião de entrevista tem que ser generalista para abarcar todos os museus e suas temáticas, acabou por não se conseguir aplicar a este Museu, o que permitiu, justamente, explicar um bocadinho porque é que não se aplica. A especificidade, ou seja, por não se aplicar o guião acabou por permitir falar com grande amplitude e com grande abrangência do que é a nossa tarefa central.

Muito obrigada.

A.I.S.: Bom trabalho! Boas conclusões! Bom projecto! e bom doutoramento!.

Farei o possível.

A.I.S.: Só tinha, com lhe digo, muito interesse depois, não será nesta semana mais até por telefone ou por correio electrónico. Aquela questão que pôs: o que é que as pessoas quando bem cá, querem ter como informação, compreender etc. que eu devolvi para si, na posição privilegiada de autora do questionário.

Fica combinado!

Posso perguntar uma última coisa? Neste esquema que desenhou para mim, onde é que começa e onde é que acaba o circuito de inventariação?

Se fôssemos numerar seria 1, 2, 3, 4?

A.I.S.: Não, vamos ou para 1.1. ou 1.2. ou 1.3. Tanto faz. Daqui tanto pode ir para programas internos, como para investigadores externos ou para exposição: ou, ou, ou.

Portanto não há um circuito. As colecções entram nas reservas e, a partir de aí, podem ter três tipos de saídas, não é?

C.M.: É a tal coisa, tem que ver.

A.I.S.: Não se pode especificar.

C.M.: E mais ou menos, a não ser que haja um investigador que nos peça uma peça que não esteja inventariada, então primeiro é inventariada por nós, e depois e passada ao investigador.

A.I.S.: E não é isso que está aqui? Nós inventariamos a partir dos materiais que estão em reserva para programas internos, investigadores externos ou para exposições. Eu tentei fazer um esquema muito simples de: ou, ou, ou, por serem as 3 situações mais comuns no Museu e que podem coexistir as 3 num dado momento, ou seja na mesma altura nós podemos estar a fazer inventário de acordo com o nosso programa interno, a preparar colecções para investigação externa e a preparar materiais para exposições. As três em simultâneo.

Mas para entrar nas reservas já tem que estar inventariado ou é alvo de inventariação nas reservas?

A.I.S.:Não, não. O material que está em reservas, parte está inventariado, parte não está.



**Outras informações, relacionadas com questões não colocadas na altura da entrevista, e presentes no modelo final de guião utilizado no estudo.**

**Respostas obtidas, ao longo de 2009 e 2010, através de correio electrónico e de visitas ao Museu, com a colaboração de Ana Isabel Santos, Carla Martinho e Luís Raposo.**

### **2.1 e 2.2. As opções de incorporação mais utilizadas pelo MNA.**

Por ordem de importância actual:

1. Fundo antigo
2. Depósito
3. Achado
4. Afectação permanente
5. Recolha
6. Doação / Legado
7. Compra (Fonte: Luís Raposo)

### **2.3. Quais os critérios a seguir quando da incorporação de um bem/exemplar?**

O principal critério de incorporação guarda relação com a natureza do MNA, enquanto Museu, Nacional, e de Arqueologia.

Tendo em atenção a adequada valorização social do património arqueológico num contexto em que se coloca em questão, se de facto deverão existir “receitas quanto ao tipo de apropriação dos bens arqueológicos mais adequado em cada caso”, ou se, conforme vamos percorrendo o caminho devemos fomentar, a cada passo, “a mais ampla pluralidade de abordagens”. (Raposo 2009: 77)

### **5.2. Indique-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo:**

- O número de pessoas que desenvolve esta função no Museu: 4  
2 pessoas género Masculino e 2 género Feminino.
- As suas idades e sexos:  
26-35: 2 M e 1 F  
46-55: 1 F
- A sua formação (áreas, níveis e actualizações):  
Educação profissional: 1 F  
Mestrado/ou pós-graduação: 2 M e 1 F (nas áreas de Arqueologia e Museologia)
- A sua experiência profissional:  
Nenhuma quando entraram no Museu, com excepção de 1 das mulheres, que já contava com alguma experiência.

- As suas condições de trabalho:
  - 1 F integra o quadro de funcionários/as
  - 1 F e 1 M estão com contrato de avença
  - 1 M está em estágio no programa do Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- Os escalões remuneratórios não foram facilitados.

#### 6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:

- Primeiras fichas de inventário foram criadas no MNA em 1805
- Posteriormente seria utilizada a numeração de 1 a n havendo na altura umas 40.000 peças, aproximadamente.
- 1910, conforme iam entrando no Museu eram alvo de numeração...
- Anos 70, é criado um novo modelo de ficha que indica a localização das peças nas reservas. A informação prática (nº inventario, localização...) era tb colocada dentro de um saquinho com a peça.
- “Não conseguíamos, olhando para a peça, identificar o sítio de onde ela bem”.
- Continuam existindo Livros de Entradas, que funcionam por anos, onde os registos têm 3 números:
  - . um primeiro nº - o ano de entrada no Museu e portanto o ano em que foi inventariada;
  - . um número sequencial (de 1 a n em cada ano) que corresponde a uma procedência específica;
  - . um nº que vai apanhar o lugar dentro da colecção referida pelo 2º número.
- A seguir a peça é marcada, é arrumada em embalagens acid-free, posta em contentores identificados e levada para a reserva.
- As vezes têm vários números: antigos, novos...  
 Para além do *Matriz* o MNA tem bases de dados internas feitas pelos especialistas que trabalham o inventário, criadas em função das necessidades existentes.  
 Base de dados de sítios, de complexos...

Ao todo são 10 até agora:

1. Ânforas
2. Antropologia
3. Bronzes figurativos
4. Códigos
5. Complexos
6. Epigrafia
7. Escultura/arquitectura
8. Fotografias
9. Manuel Heleno
10. Numismática

- Trabalham com o *Matriz* (desconhecem que versão, supostamente 2.0.).
- Utilizam muito:
  - . O campo destinado a gestão de colecções: porque permite gerir entradas, saídas, empréstimos, organização de exposições, seguros... (por serem um museu que tem muitas solicitudes de empréstimos)
  - . O inventário:
    - “Nós temos cerca de 50.000 peças inseridas no *Matriz*, e digamos que não é nada em termos de volume de colecção do nosso Museu”.
    - “Na *Matriz* nós só colocamos as peças: o que estão completas, o que estão inteiras, o que vieram de restauro, o que são únicas, o que caracterizam o sítio”.

Dentro do inventário tentam preencher o máximo número de campos possível.  
Existem campos que é obrigatório preencher.

- *Matriz* e Circulação de informação a nível público.  
De X em X tempo, na teoria, há um conjunto de fichas, na altura eram mais ou menos 10.000 peças, salvo erro, que passam para a rede e que ficam acessíveis *on-line* ao público no *MatrizNet*. Dessa forma fica acessível ao público e aos museus em si. De outra forma não existe trabalho em rede, “devido ao volume de peças que estão inseridas no *Matriz*” em cada instituição.
- As peças boas, de maior interesse, são as que ficam à disposição do público. O critério utilizado é o do interesse científico que apresentam (peça rara, diferente, identifica um período cronológico específico).
- Nem 10% do espólio actual se encontra inserido no *Matriz*, neste momento.
- Temos 3000 sítios, estamos a rever todo o inventário e vamos no 160.
- Passar as fichas em papel à base de dados, complementar os dados (com identificação adequada, numeração actual, confirmar dados antigos, acrescentar fotografia...) e rever a informação de cada sítio: tudo feito pela responsável do departamento e pelos três inventariantes que estão, como no caso do Paulo, de passo no Museu, o que significa que ainda não tem autonomia para trabalhar no inventário por que está a aprender: se calhar não consegue encontrar os documentos para cada caso...
- “Para nós, a Luísa é fundamental. Assistiu a toda a transformação do Museu, sabe melhor que ninguém como é que funcionam a colecções e como é que funcionam a bases de dados, que documentos é que temos, vai ver aqui e ali...”. Isto é uma coisa que se vai adquirindo com o tempo...  
“A pessoa vai fazendo e a medida que vai fazendo... vai adquirindo os conhecimentos sobre como é que se faz o inventário”.
- Quando os arqueólogos/as acabam todo o trabalho de campo é que tem que decidir onde é que vão por as peças.
- A colecção da Quinta das Longas:

- . Foi encontrada em 2001
  - . Deu entrada no Museu em 2006
  - . Pouco tempo depois, em finais de 2006 aproximadamente já estava exposta ao público.  
“Aí está, são peças demasiado importantes para estar escondidas”
- São as normas criadas pelo IGESPAR.  
No final do processo, acabado o estudo da colecção, deve escolher-se um destino para ela: museus municipais, museus locais (autorizados pelo IGESPAR), depósitos do próprio IGESPAR...

#### Os bens inventariados no SGC do MNA:

- **Número de bens que integram o espólio do Museu:** em torno aos 500.000.
- **Percentagem com inventário informatizado:** 50.000 (aproximadamente 10%).